

A agenda mediática e as Capitais Europeias da Cultura, Porto 2001 e Guimarães 2012

Maria João Centeno
(Escola Superior de Comunicação Social / Instituto Politécnico de Lisboa e CIMJ)
mcenteno@escs.ipl.pt

Portugal acolheu, nos últimos 12 anos, duas edições do evento Capital Europeia da Cultura; o que pretendemos ilustrar aqui hoje é a cobertura que a imprensa portuguesa realizou a cada uma destas edições, Porto 2001 e Guimarães 2012 e que nos permitiria definir as **etapas** que marcaram cada um dos acontecimentos, os **padrões de atuação**, os grandes **protagonistas**, o tipo de **planeamento** e as especificidades da **programação**.

O projeto Capital Europeia da Cultura elege, de ano para ano, cidades dos diferentes estados membros da União Europeia e procura “contribuir para a aproximação dos povos europeus” (nas palavras de Méline Mercouri, ministra da cultura grega que, em 1985, propôs ao Conselho de Ministros da Cultura das Comunidades Europeias o lançamento desta iniciativa) e procura ainda incentivar a apresentação, nesses espaços urbanos, de novos paradigmas culturais. Na génese deste modelo está o vetor da descentralização cultural, a possibilidade de cidades de média dimensão financiarem obras públicas, restaurarem património e promoverem-se em termos turísticos; o grande **objetivo** é dar visibilidade a cidades periféricas afastadas dos grandes centros de distribuição das indústrias culturais e criativas.

Um fator imprescindível à concretização deste objetivo é a **cobertura jornalística**. Vou então apresentar-vos alguns traços sobre a informação que a imprensa portuguesa veiculou ao longo dos dois anos em que decorreram as últimas edições da Capital Europeia da Cultura em Portugal.

Começando pela **quantidade** de notícias que surge na 1ª página sobre a Porto 2001 e Guimarães 2012, um dado é certo: verifica-se uma quebra na centralidade deste tipo de eventos, se a cobertura à Porto 2001 contempla 81 ocorrências na 1ª página, no caso de Guimarães 2012, a cobertura fica-se pelas 37 ocorrências, o que representa menos de metade das referências ao tema ao longo do ano.

Apesar deste decréscimo em termos de quantidade de notícias, nos dois anos em análise, 2001 e 2012, há aspetos coincidentes, nomeadamente, a **altura do ano** em que a cobertura é mais numerosa, refiro-me concretamente ao arranque do evento (janeiro) e ao seu término (dezembro).

As práticas jornalísticas são marcadas pela atualidade e pelos momentos distintivos como sejam o início e o fim. É como se tudo o que está entre não merecesse destaque; só o que irrompe do continuum temporal serve de pretexto à cobertura.

Qual dos **suportes** dedica mais atenção ao evento Capital Europeia da Cultura? Mais uma vez, temos uma coincidência entre 2001 e 2012: o Jornal de Notícias (50%) e o Público (perto dos 30%) são os suportes que mais vezes evidenciam o tema na 1ª página. O Jornal de Notícias foi o jornal oficial da Porto 2001, o que justifica o maior número de ocorrências de 1ª página nesse suporte e confirma o peso das parcerias institucionais na determinação das escolhas editoriais. Em Guimarães 2012 tal não aconteceu, mas como é um jornal maioritariamente dirigido à zona norte do país, este facto justifica a posição dianteira assumida também em 2012.

De salientar o facto de o jornal Correio da Manhã não ter realizado uma única peça na 1ª página sobre o tema no ano de 2012.

Outro dos aspetos que denota a quebra de centralidade do tema é o **tipo de destaque** que os suportes dedicam ao evento na 1ª página. O número de manchetes cai para metade. A cobertura a este evento cultural não vive de manchetes mas de chamadas de capa.

Por outro lado, de 2001 para 2012, a remissão para suplementos aumentou, o que denota a tendência do tema deixar de ocupar as páginas interiores do suporte e ser

deslocado para os suplementos (não só especificamente de cultura, mas também de lazer, como é o caso do Fugas no jornal Público).

Um dos nossos objetivos é conseguir identificar, a partir da cobertura realizada, os grandes **protagonistas** do evento. Em relação à Porto 2001 são as instituições públicas, as eleitas para dar conta do acontecimento Capital Europeia da Cultura. Em Guimarães 2012, cedem o lugar aos indivíduos (músicos, atores, criadores).

A cobertura da Porto 2001 é marcada maioritariamente por aspetos relacionados com a sociedade e as instituições públicas responsáveis pelo evento. Guimarães 2012 é dada a conhecer através dos rostos de individualidades (músicos, atores, programadores), são eles que celebrizam o acontecimento.

A cobertura é, em mais de 60% das peças, acompanhada de **imagens**, quer no caso da Porto 2001, quer no de Guimarães 2012. São maioritariamente fotografias de lugares no primeiro caso (a afirmação da cidade em detrimento de outros aspetos) e autores individuais no segundo. O que mais uma vez vem reforçar a centralização da cobertura mediática, em 2012, nos indivíduos e na sua obra. O jornalismo cultural a promover o culto aos artistas e criadores.

Sendo as Capitais Europeias da Cultura eventos que permitem promover, em termos turísticos, as cidades que os acolhem, quer pela dotação de novos equipamentos culturais, quer pelo restauro de algum património, mas acima de tudo por se poderem posicionar como lugares de produção e inovação artísticas (Richards and Wilson, 2004), podemos concluir que apesar do número de peças de uma edição para a outra ter diminuído, a cobertura deslocou-se da intervenção das instituições responsáveis pelo evento para a obra individual, assiste-se à substituição do coletivo pelo individual.

Esta perspetiva não se altera muito quando analisamos os desenvolvimentos ao destaque da primeira página realizados nas **páginas interiores**.

O Jornal de Notícias continua a ser o que mais artigos publica sobre o tema da Capital Europeia da Cultura. Tema que é maioritariamente abordado por **jornalistas da área da cultura**, no entanto, como no caso da Porto 2001 foi realizada uma ligação entre o

evento e a sociedade responsável pelo mesmo, também houve jornalistas de outras secções do suporte a escrever sobre o tema, nomeadamente jornalistas de política.

A recorrência a **fontes** é igualmente diversa; no caso da Porto 2001, os jornalistas recorrem maioritariamente a uma única fonte (ligada ao setor público), o mesmo não acontecendo em Guimarães 2012 que recorrem a mais do que uma (maioritariamente ligadas ao setor privado), na medida em que o género maioritário, como vamos ver, é a reportagem.

Tal como na primeira página, também os artigos no interior dos suportes se fazem acompanhar de **imagens**, maioritariamente fotografias. No caso da Porto 2001, surgem maioritariamente fotografias de políticos, instituições públicas e programadores e no caso da Guimarães 2012 programadores, músicos, políticos, cineastas, performers, atores, personalidades que dão rosto ao evento.

Em termos de **género jornalístico**, a cobertura à Capital Europeia da Cultura, realizada maioritariamente através de notícias com desenvolvimento e reportagens (em que predominam os estilos discursivos opinativo e descritivo) no caso da Porto 2001, passa quase maioritariamente ao género reportagem no caso de Guimarães 2012 (estilos discursivos interpretativo e descritivo). E de que tipo de reportagens estamos a falar? Aquelas em que o jornalista de cultura faz o roteiro, em que promove um percurso e incita à participação no evento! O que pode colocar a questão de qual a sua missão: divulgar informação sobre o acontecimento para poder num momento ulterior conduzir a reflexão e a crítica sobre o que está a partilhar ou funcionar como agente promotor de eventos, numa lógica em que a cultura serve o turismo e o jornalista o entretenimento? Esta é uma questão sobre a qual podemos refletir hoje aqui em conjunto!

Voltando ao género jornalístico, há outro aspeto a salientar, o número de entrevistas, género fundamental à exposição da visão do mundo do outro, decresce, o que denota a promoção de um determinado *lifestyle* sugerido pelo jornalista e não por outros agentes sociais.

A tendência observada de deslocar a cobertura ao tema das páginas interiores do jornal para **suplementos** é outro dos fatores que contribui para a alteração no estilo discursivo dominante, é nos suplementos que o estilo se assume como predominantemente interpretativo.

Notas finais

Partimos do pressuposto de que através da análise de imprensa é possível verificar o papel que este meio de comunicação tradicional desempenha na construção da percepção dos eventos e na existência simbólica e material de cada uma das cidades.

O que podemos concluir? A cobertura jornalística desviou-se da **divulgação** da programação dos eventos para a **sugestão de roteiros** de visita e pouco ou nada questiona o papel que as cidades, ao promover iniciativas deste tipo, têm enquanto lugares de inovação em termos de políticas culturais, de produção e inovação artística, na requalificação urbana e ambiental, na revitalização económica, na formação e criação de novos artistas e novos públicos.

Os resultados da pesquisa mostram que a imprensa, enquanto construtora social da realidade, contribui para enformar o impacto que estes eventos culturais têm na imagem das cidades, perspetivadas em termos locais, mas também em termos nacionais, ao estimular o consumo entre os residentes e ao atrair visitantes (García, 2004). A análise à cobertura mediática mostra como a imprensa é fundamental à promoção das cidades enquanto destinos culturais/turísticos, com a possível terrível consequência de transformar o jornalista da área da cultura em agente de promoção não tanto cultural mas turística.

A cobertura às Capitais Europeias da Cultura Porto 2001 e Guimarães 2012: do evento à obra individual

Portugal acolheu, nos últimos 12 anos, duas edições do evento Capital Europeia da Cultura; pretendemos ilustrar a cobertura que a imprensa portuguesa realizou a cada uma das edições para definirmos as etapas que marcaram cada um dos acontecimentos, os padrões de atuação, os grandes protagonistas, o tipo de planeamento e as especificidades da programação.

Principais conclusões: quebra, para metade, do número de referências de 1ª página; a atualidade e os momentos distintivos, como sejam o início e o fim, a merecer maior destaque; Porto 2001 marcada por acontecimentos relativos à sociedade responsável pelo evento, Guimarães 2012 pelas obras de autores individuais (músicos, atores, programadores); a remissão para suplementos aumenta de uma edição para outra, tratando-se de suplementos não especificamente de cultura, mas também de lazer; o género jornalístico dominante passa a ser a reportagem e o jornalista assume-se como agente de promoção não tanto cultural mas turística.